

poder

# Agenda prioritária de Jair Bolsonaro gera interesse em poucos brasileiros

Segundo dados do Datafolha, parcela expressiva da população discorda dos temas centrais de sua plataforma

**ANÁLISE**

**Mauro Paulino e Alessandro Janoni**

Paulino é diretor-geral do Datafolha e Janoni, diretor de Pesquisas

Uma primeira leitura dos resultados da pesquisa nacional do Datafolha divulgada ao longo do último mês sugere descolamento entre a agenda do presidente da República, Jair Bolsonaro (PSL) e a opinião pública brasileira.

Apesar de o presidente ter conquistado a maioria dos votos e manter expectativa positiva sobre seu governo, o posicionamento dos eleitores quanto às teses defendidas em pronunciamentos de sua equipe não alcança apoio equivalente.

Com exceção da temática do controle de imigrantes e da redução da maioridade penal, pontos-chave da pauta bolsonarista como Escola sem Partido, posse de armas e aproximação com o governo dos EUA são reprovados por parcela expressiva da população, com percentuais próximos a 70%.

Também se mostram com altos índices de rejeição a redução de terras indígenas, medidas contra o meio ambiente, privatização de estatais e a perda de direitos trabalhistas.

Com esses dados, fica a pergunta: como Bolsonaro foi eleito com tamanho descompasso entre representante e representados?

O processo de decisão do voto é composto por vetores como avaliação de competência, valores morais e consciência de classe ou grupo.

Dependendo das características dos cenários político, social e econômico, um ou outro fator recebe maior peso no cálculo do cidadão para definir seu candidato.

Ou seja, o eleitor não precisa concordar com todas as propostas de governo de um candidato para escolhê-lo. Pode discordar da maioria, mas valoriza tanto determinado ponto do projeto que acaba optando por ele.

Para ilustrar esse comportamento, eliminando-se a sobreposição de respostas dos entrevistados, chega-se a 86% dos brasileiros que apoiam pelo menos 1 de 13 teses bolsonaristas abordadas pelo Datafolha na pesquisa de dezembro. No extremo oposto, apenas 1% é contrário a todas elas.

Partindo-se desse pressuposto, por meio de análise de segmentação, é possível a estratificação da amostra em gradientes de adesão a esses temas. O resultado são os três grupos distintos — bolsonaristas “heavy” (intensos), “medium” (medianos) e “light” (leves).

O conjunto “heavy” é o que mais tem opiniões parecidas com as do novo presidente — concorda com pelo menos

[...]

Parece arriscado para um governo eleito pulverizar a sua agenda em temas que juntos alcançam apoio de grupo minoritário da população

9 dos 13 temas aplicados e corresponde a 14% da população brasileira.

Entre os mais ricos, essa taxa supera a média em dez pontos percentuais. A grande maioria do grupo (68%) é composta por homens, ao contrário da população.

É o grupo que mais votou no candidato do PSL para presidente e é também o que se mostra mais otimista tanto com seu governo quanto com o futuro do país e da economia.

Entre eles, as taxas de concordância com as teses bolsonaristas são altíssimas.

Alcançam patamares próximos a 70%, superando em larga escala a média da população nas defesas do porte de armas, da aproximação do Brasil com os EUA, das privatizações de estatais e das diminuições de terras indígenas, reservas ambientais e direitos trabalhistas.

O grupo “medium” é o mais numeroso da população, totalizando 55%.

Ficam numa zona intermediária de afinidade com o governo que vai de 5 a 8 pontos dentre os 13 estudados.

Não há contraste significativo por sexo. A maioria optou pelo candidato do PSL, mas um terço votou em Fernando Haddad (PT). Quanto ao futuro, não são tão otimistas quanto os “heavy” nem tão pessimistas quanto os “light”. São majoritariamente pró-governo especialmente no controle da imigração e nitidamente contrários ao acesso às armas e em relação ao Escola sem Partido. Nos demais temas tendem a se dividir.

Já o estrato “light” corresponde a um terço dos brasileiros (31%). Demonstra tendências bolsonaristas em apenas, no máximo, quatro quesitos.

A grande maioria do segmento é feminino e tem escolaridade acima da média. São mais pessimistas quanto ao futuro da economia e do governo. Metade do estrato votou em Haddad, e 35% no capitão reformado — o restante votou em branco ou nulo.

Sobre os temas pesquisados, com raras exceções, são massivamente contrários a quase todas as ideias do atual governo — as taxas de rejeição alcançam ou ultrapassam 80% quanto à posse de armas, debate político nas escolas, privatização, proximidade com os EUA, perda de direitos trabalhistas e diminuição das terras indígenas.

Como se vê, parece arriscado para um governo eleito pela maioria pulverizar a agenda em temas tão polêmicos que, no conjunto, alcançam apoio de um grupo minoritário da população (pouco mais de 10%). Maior sintoma disso é a imagem titubeante do presidente por conta de sua coleção de recuos prematuros.

Pelos dados, há muita expectativa do eleitorado quanto à área econômica e combate à violência e à corrupção.

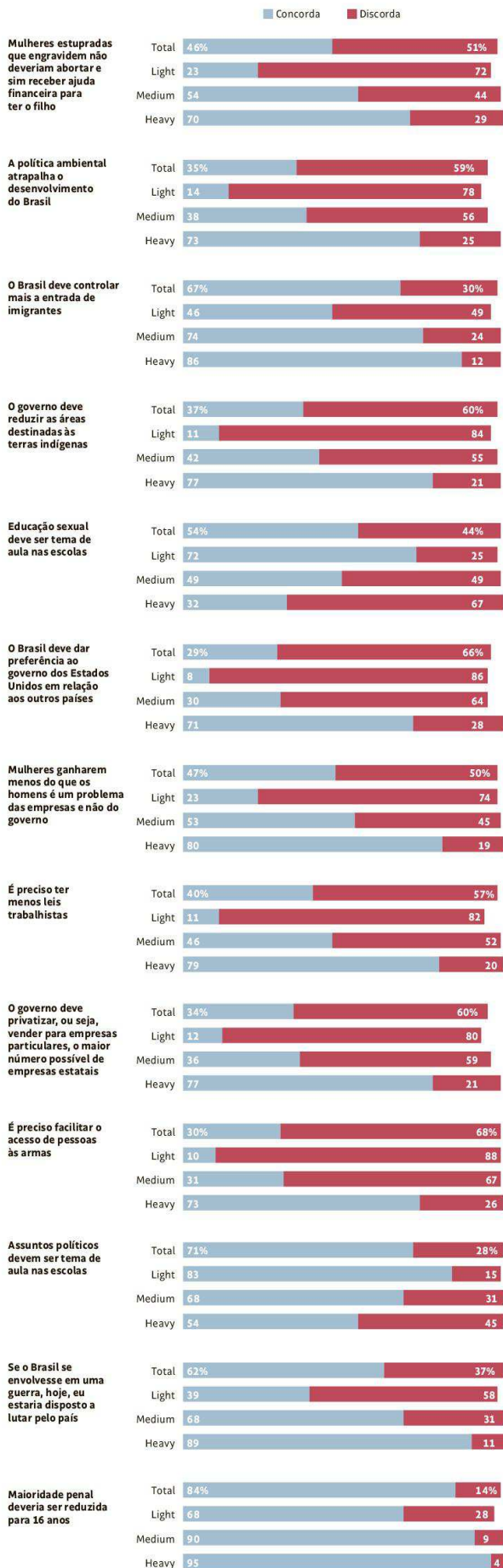
Sem a apresentação de projetos consistentes e viáveis, em curto período, nesses setores, torna-se provável que a bonança dos simbólicos cem primeiros dias de governo transforme-se em tempestades junto à opinião pública, que teve as esperanças renovadas, mas conserva as demandas prementes acumuladas nos últimos anos.

**Segmentação da população segundo apoio a teses bolsonaristas\***

**Bolsonaristas 'light'** - Concordam com até 4 das 13 teses

**Bolsonaristas 'medium'** - Concordam com mais de 4 até 8 teses

**Bolsonaristas 'heavy'** - Concordam com pelo menos 9 das 13 teses



\*Soma das taxas não chega a 100% porque não foram incluídos entrevistados que não souberam opinar ou se disseram indiferentes. Fonte: Datafolha

## Presença do PT na posse de Nicolás Maduro rejuvenesce o partido

**OPINIÃO**

**Breno Altman**  
Jornalista e fundador do site Opera Mundi

A ida da senadora Gleisi Hoffmann a Caracas para a inauguração do mandato presidencial de Nicolás Maduro provocou polêmicas. Essa viagem seria motivo para uma “insurreição dos progressistas” contra o PT, nas palavras de Mathias Alencastro, em artigo publicado no dia 12 de janeiro pela Folha.

Para o autor, a posição adotada da representante ponto de ruptura com “princípios que nortearam a história do partido”. Decepcionado com o PT, Alencastro reclama que a petista agravou “o distanciamento com a social-democracia europeia, unânime em sua condenação do regime”.

Sua crítica, porém, parte de um grave equívoco. O PT, fundado em 1980, embora crítico do modelo soviético, tem suas raízes na esquerda latino-americana, na luta democrática e anti-imperialista, na solidariedade às revoluções cubana e nicaraguense, na defesa da autodeterminação dos povos. Jamais aceitou se inscrever no campo geopolítico liderado pelos Estados Unidos, ao contrário da maioria dos partidos sociais-democratas europeus.

“Ponto de ruptura”, portanto, seria a omissão diante do cerco a que está submetido o Estado venezuelano, sob abutida da Casa Branca e com a cumplicidade da direita continental e da União Europeia.

Para além das sanções econômicas, que apenas agravam os problemas da população, o rechaço a um presidente eleito e o reconhecimento da Assembleia Nacional como “governo interino” são passos de uma estratégia cujo desfecho potencial é a intervenção militar estrangeira. Possivelmente disfarçada, como de hábito, em “missão de paz” sob a bandeira da OEA.

Ao se fazer presente em Caracas, Gleisi reforça os fundamentos originais do petismo e denuncia a ameaça principal que paira sobre os povos do continente: a sanha dos grandes grupos capitalistas pelas riquezas naturais da região, representados pelos governos de seus países, dispostos a destruir qualquer ordem constitucional e atropelar o direito internacional na defesa de escancarados interesses econômicos.

Subordinados à política externa dos Estados Unidos, quem se distancia da esquerda são os setores da social-democracia que abandonaram bandeiras transcendentes como o respeito à soberania das nações e a denúncia à agressão externa como instrumento de poder.

Esses mesmos setores, aliás, abraçados às ideias neoliberais e transformados em corréias de transmissão das maiores corporações financeiras, atualmente fazem parte da liquefação do Estado de bem-estar social e caminham para a completa desmoralização política, a exemplo do governo Macron, abrindo espaço para a extrema direita.

Alencastro, a partir de seu eurocentrismo, enxerga renovação em uma via na qual se entulham velharia, desonra e comodismo. Trata-se exatamente do contrário: a postura valente do PT em relação a Venezuela é que ajuda o rejuvenescimento do partido, incorporando-o cada vez mais à resistência contra a onda conservadora e neocapitalista que ameaça o planeta.